

PRODUÇÃO DE PEQUENOS RUMINANTES NO SEMIÁRIDO

Fernando Henrique Melo Andrade Rodrigues de Albuquerque

Pesquisador, Embrapa Caprinos e Ovinos
Estrada Sobral/Groaíras, km 04 Caixa Postal 145
CEP 62010-970 Sobral-CE
Telefone: (88) 3112-7400 - Fax: (88) 3112-7533
e-mail: fernando@cnpq.embrapa.br

INTRODUÇÃO

Os pequenos ruminantes são partes fundamentais de vários ambientes produtivos, com atuações essenciais também nos meios socioeconômicos e ecológicos. Fazem parte das estratégias de produção e reprodução social das famílias que procuram minimizar as perdas decorrentes da escassez hídrica e ocorrem através de combinações entre pecuária e policultivos, dentre outras (HOLANDA JÚNIOR, 2004).

A exploração de pequenos ruminantes domésticos, historicamente, é uma atividade de grande importância econômico-social, particularmente na maioria dos países que possui regiões de clima árido e semi-árido. Nestas regiões, o segmento da sociedade que tradicionalmente é envolvida no processo produtivo de pequenos ruminantes apresenta elevados níveis de complexidade e multiplicidade de objetivos (Ellis, 1996).

No Brasil, o rebanho ovino está estimado em 16.239.455 cabeças e o rebanho caprino em 9.450.312 cabeças (IBGE, 2007). Os ovinos estão concentrados nas Regiões Nordeste, com 57% e Sul com 28% do total, enquanto mais de 90% dos caprinos ficam na região Nordeste.

De acordo com Couto Filho (2001), os criatórios de caprinos e ovinos são tradicionais no Nordeste e desenvolvem-se, principalmente nas áreas semiáridas, sendo que 50% dos efetivos dos rebanhos estão localizados em propriedades com até 30 hectares, 29% em propriedades entre 31 e 200 hectares e apenas 21% em propriedades com mais de 200 hectares.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

Os sistemas de produção de caprinos e ovinos do semi-árido nordestino apresentam na constituição dos genótipos as raças naturalizadas. Estes animais se destacam por apresentarem características específicas de adaptação à essas “novas” condições ambientais: precocidade sexual; prolificidade; menor porte; rusticidade; resistência à doenças e parasitas; resistência aos extremos de temperatura e à escassez hídrica e alimentar.

Essas raças altamente adaptadas ficaram conhecidas como crioulas, locais, localmente adaptadas ou naturalizadas (VILELLA et al., 2009).

A ovinocultura no Brasil caracteriza-se como uma atividade de baixa utilização de tecnologias de produção disponíveis e desorganização para a produção e comercialização, acarretando um baixo nível de produtividade dos rebanhos e instabilidade (sazonalidade) na oferta de produtos para o mercado (Cabral e Alves, 2008). De acordo com Holanda Júnior (2006), para a viabilização da competitividade sistêmica das cadeias produtivas dos produtos da caprinocultura e ovinocultura do Semi-árido do Nordeste brasileiro há necessidade de incorporação de inovações tecnológicas nos sistemas pecuários de produção.

Dentre os desafios da produção de ovinos e caprinos de corte, deve ser ressaltada a quase completa ausência de políticas públicas, de médio e longo prazo, voltadas para dar sustentação e garantir a longevidade da atividade; de organização e gestão da atividade à luz do agronegócio; de organização das cadeias produtivas das carnes e das peles e seus derivados; de programa de qualificação e especialização de mão-de-obra; de modelos físicos de exploração com foco na alimentação-nutrição e saúde dos rebanhos e no ambiente, compatíveis com as cinco macrorregiões geográficas brasileiras; de implantação de programas, público e privado, de transferência de conhecimentos e tecnologias e de assistência técnica (SIMPLÍCIO; SIMPLÍCIO, 2006).

SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Somente a partir do conhecimento dos sistemas agropecuários existentes, de sua lógica, de seus limites e alcance é que se pode localizar

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

seus pontos de estrangulamento tecnológico e propor mudanças que sejam soluções a problemas colocados e vividos efetivamente pelo produtor (ABRAMOVAY, 1985).

A opção por um determinado sistema de produção tem sido condicionada a três fatores básicos: infra-estrutura da propriedade; genética do rebanho e mercado. Observa-se também que a exploração zootécnica de animais domésticos obedece a uma norma que quanto menor o animal, mais curto o ciclo de produção e mais intensiva a atividade, maiores são os cuidados necessários, principalmente higiênico-sanitários, o que implica em mão-de-obra mais especializada (REIS e ÍTAVO, 2009).

Sistemas de produção estão sujeitos a muitos fatores e são decorrentes de suas finalidades e realidades. Seus índices produtivos (ou zootécnicos) podem refletir sua situação, em níveis tecnológicos e conseqüentemente sua eficiência. Baseado nos índices considera-se a ocorrência, em linhas gerais, de sistemas convencionais, com práticas tradicionais e índices estacionários, e dos melhorados, em modalidade extensiva e intensiva, visando sempre à finalidade comercial, com implementações nas práticas sanitárias, alimentares, reprodutivas e manejo geral, que refletem na taxa de desfrute elevando a produtividade e eficiência produtiva (BORGES et al., 2005).

Borges et al. (2005) enfatiza que cuidados especiais devem ser tomados ao se “perseguir” índices zootécnicos nos sistema produtivos, pois muitas vezes o maior peso desses reflete no desempenho econômico do agronegócio, exigindo assim uma avaliação concomitante de seus impactos nos custos de produção.

SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE CARNE

A produção de caprinos para corte está restrita quase que exclusivamente ao Nordeste do Brasil e se realiza, principalmente, em sistemas de produção baseados na utilização da caatinga, sendo os animais criados junto com ovinos e/ou bovinos. A produção de carne ovina está mais distribuída nacionalmente que a produção de carne caprina, sendo que no Nordeste são criados ovinos deslanados destinados à produção de carne e pele para o mercado local e para o autoconsumo (HOLANDA JÚNIOR, 2006).

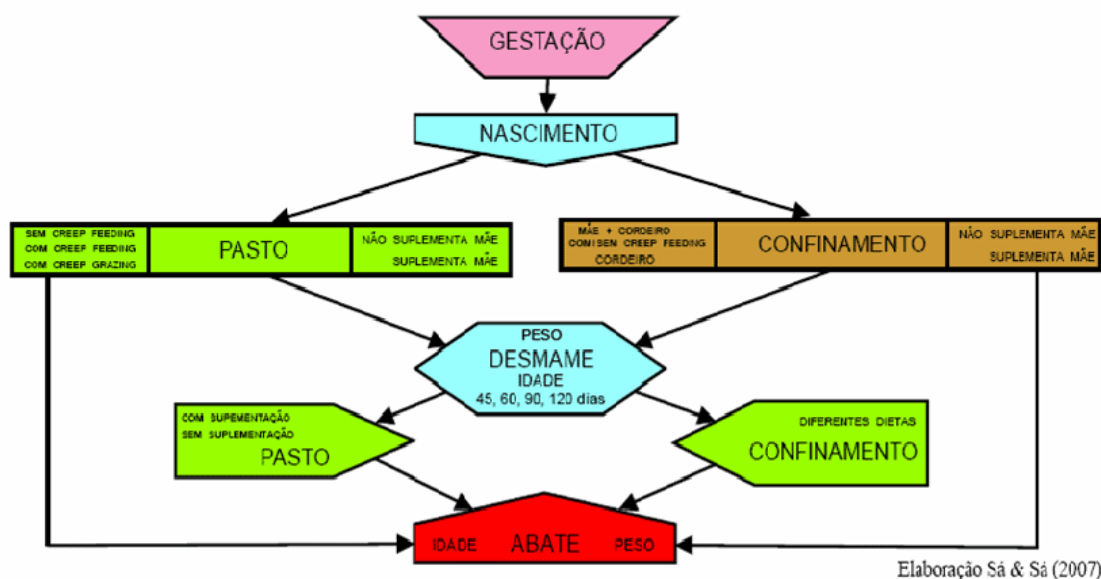
Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido

28 a 29 de Março de 2011

A produção baseia-se na alimentação dos animais com exploração de campos nativos da caatinga, os quais estão sujeitos às estações chuvosa e seca, sendo esta última mais prolongada. Como decorrência, os índices de desempenho são baixos, ocorrendo mortalidade de animais jovens em torno de 20% e idade pra atingir o peso de abate (28 Kg) de 18 meses (GUIMARÃES FILHO ET AL.,2000). Pinto et al. (2005) aponta o confinamento dos cordeiros como opção durante a época seca, principalmente na região semi-árida, para garantir o ganho de peso dos animais e oferta de carne na entressafra.

De acordo com Sá et al. (2007), analisando os experimentos que estudam ganho de peso e características da carcaça e da carne de cordeiros, pode-se notar como são variados os sistemas de terminação de cordeiros. Na Figura 1, verifica-se que da gestação da ovelha até o abate do cordeiro são muitos os caminhos que podem ser seguidos.

SISTEMA DE TERMINAÇÃO DE CORDEIROS



Elaboração Sá & Sá (2007)

Figura 1. Sistemas de cria, recria e engorda de cordeiros.

Nos sistemas de produção de carne de pequenos ruminantes as atividades de manejo devem ser analisadas como um conjunto de ações que compõe um processo produtivo (pré-monta, estação de monta, gestação, parto, lactação, desmama, recria e terminação), pois em cada uma das fases pode-se definir quais os principais aspectos tecnológicos e não-tecnológicos que devem ser priorizados no planejamento e no monitoramento do sistema. Neste

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

contexto, destacam-se os riscos sanitários, impactos produtivos e econômicos, além do nível de capacitação técnica e das condições sócio-culturais da mão-de-obra que está executando as atividades de manejo.

Na ovinocultura e caprinocultura de corte existem indicadores de desempenho dos animais nas diversas fases da produção, tanto na fase de cria (estação de monta, gestação, nascimento e desmama) quanto nas fases de recria e terminação. Estes indicadores variam principalmente em função do sistema de produção (intensivo, semi-intensivo, extensivo), da raça dos animais e da época do ano (chuva e seca). Os indicadores da fase de cria refletem principalmente o desempenho reprodutivo das matrizes, como fertilidade (matrizes paridas/matrizes expostas à monta), prolificidade (crias nascidas/matrizes paridas) e intervalo de partos, além do desempenho dos cordeiros e cabritos até o desmame (peso ao nascer, peso ao desmame, ganho de peso diário e sobrevivência do nascimento ao desmame). Na fase de recria das borregas e cabritas para reposição os indicadores estão relacionados ao desempenho destas para estarem aptas para entrar na estação de monta (ganho de peso diário, escore de condição corporal, peso e idade à primeira cobertura). Já na fase de terminação (engorda) os indicadores têm como objetivo principal retratar a eficiência alimentar dos cordeiros e cabritos (ganho de peso diário, dias para atingir o peso de abate, conversão alimentar e escore de condição corporal).

SISTEMAS DE PRODUÇÃO DE LEITE

Holanda Júnior (2006) desta que a viabilização econômica dos sistemas especializados na produção de leite de cabra, em um cenário de preços baixos, é um grande desafio para produtores e instituições de pesquisa no Brasil. Para isso, segundo Wander & Martins (2003), a produção por cabra nos sistemas confinados precisa ser superior a 750 litros/ano, e nos sistemas baseados no uso de pasto, superior a 550 litros/ano.

De acordo com Guimarães et al. (2009), a propriedade de produção de leite de cabra no Nordeste, baseada na amostragem de Dal Monte (2008) nos Cariris Paraibanos, tem, em sua maioria, menos que 50 ha, onde o produtor é o

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

proprietário da terra e um rebanho de 20 e 30 cabras, mestiças de raças Saanen e Alpina, que produzem entre 0,53 e 0,93L.d-1.

Segundo Galvão e Lima (2006) a melhoria dos sistemas de produção de leite de cabra na região do Cariri paraibano está balizada no aumento das áreas de forrageiras e leguminosas, na adoção de práticas de manejo sanitário (cuidados com recém-nascidos, higiene das instalações, vacinação e vermifugação), manejo alimentar (pastejo rotacionado e semi-confinamento), seleção de animais, realização de duas ordenhas, escrituração zootécnica e investimentos em instalações e equipamentos necessários à melhoria do manejo e da qualidade dos produtos. Em conjunto, essas práticas explicam a redução da mortalidade e das enfermidades e o aumento do ganho de peso e da produção média diária por cabra que, segundo os autores, passou de 0,70 para 1,40 litros.

RAÇAS NATURALIZADAS

Em revisão realizada por Silva (2009), os tipos nativos foram criados historicamente soltos na caatinga, em regimes seminomade, no qual a habilidade em sobreviver aos rigores edafo-climáticos era essencial. Sem sofrer qualquer pressão de seleção pelo homem para a produção de alimentos, atualmente estes animais apresentam-se menos produtivos, tendo baixo valor econômico e conseqüentemente, mais acessíveis aos pequenos produtores.

Apesar da habilidade desse tipo de animal, para adaptar-se a essa região, estudos mostram que o número de animais dos grupos nativos está diminuindo (Ribeiro et al.,2004), em decorrência de cruzamentos desordenados com raças de clima, vegetação e política agrícola diferente da região semiárida, resultando num “pioneirismo” genético.

Dentre as raças nativas caprinas existentes na região Nordeste, as que apresentam padrão racial definido são minoria, sendo as principais os tipos Moxotó e Canindé, Repartida e Marota, sendo que alguns autores reconhecem outros tipos de menor expressão que são: Gurguéia, Biringa, Azul, Graúna, Nambi e Orelha de Onca. (Ribeiro, 1999).

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

Nos trópicos, a substituição de raças localmente adaptadas por raças exóticas (especializadas) tem sido largamente utilizada, mas, invariavelmente, tem apresentado insucesso devido à incompatibilidade entre os genótipos e as condições existentes nos sistemas de produção predominantes (Kosgey et al., 2006). De acordo com Vilella et al. (2009), no futuro, animais altamente adaptados, apesar de serem, em geral, menos produtivos que os animais de raças exóticas, serão de grande valia para a pesquisa, principalmente devido aos genes e combinações gênicas que eles possuem e que lhes conferem as características de adaptação.

Ribeiro et al. (2004) reportam que do total de caprinos existentes no semiárido do Nordeste, aproximadamente 75% são do tipo Sem Padrão Racial Definido (SPRD), produtos de cruzamentos, com graus de mestiçagens desconhecidos, de animais nativos (Moxoto, Caninde, Serrana Azul, Nambi, Gurgueia, Grauna) com raças exóticas (Bhuj, Anglo-nubiana, Mambrina, Toggenburg, Saanen, Murciana, Jamnapari e Boer, podendo-se acrescentar ainda a raça Pardo Alpina), com predominância das raças Anglo-nubiana e Mambrina, observandose, atualmente, incremento significativo nas cruzas com a raça Boer.

No entanto, atualmente a maioria desses animais encontra-se ameaçada de extinção. Felizmente, medidas estão sendo tomadas para que não se corra o risco de perder esse valioso patrimônio genético. Programas de conservação dessas raças vêm sendo instituídos no País desde a década de 80. A partir de 1983, a Embrapa passou a incluir as raças naturalizadas de animais domésticos ameaçadas de extinção em seu Programa de Pesquisa com Recursos Genéticos. Universidades, Empresas Estaduais de Pesquisa e produtores privados também realizam a conservação desses animais. A conservação destes rebanhos é estratégica, tanto no sentido básico de conservar os animais para servirem como futuros doadores em programas de re-introdução, como no sentido aplicado, uma vez que permite a execução de pesquisas nas mais variadas áreas da zootecnia e da biologia, dentre outras ciências. Essa agregação de conhecimento é extremamente desejável a fim de que se possa estimar o potencial sócio-econômico dessas raças (VILELLA et al., 2009).

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

Quanto ao desempenho dos ovinos e caprinos explorados nos sistemas de produção do nordeste do Brasil, Lôbo (2002), destaca que os sistemas de produção são empíricos e com baixa adoção de tecnologias, resultando em baixo desempenho produtivo animal e indicadores zootécnicos bastante variáveis. Em geral os animais apresentam reduzida velocidade de crescimento, sendo abatidos tardiamente, com pesos variados, baixo rendimento e carcaças de qualidade não satisfatória para atender às exigências dos mercados. Apresentam elevada idade ao primeiro parto, longos intervalos de partos e alta taxa de mortalidade (tabelas em anexo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de tecnologias de manejo na ovinocultura deve considerar os aspectos edafo-climáticos e sócio-econômico-culturais dos diversos sistemas de produção de ovinos no Brasil.

Uma melhor sincronia entre os elos da cadeia produtiva pode favorecer a adoção de práticas de manejo aos sistemas de produção, permitindo melhores indicadores de produtividade.

O estabelecimento de programas de melhoramento genético para os rebanhos caprinos e ovinos, de carne e leite, deve levar em consideração as características produtivas e adaptativas das raças naturalizadas.

Uma efetiva capacitação de produtores, manejadores e técnicos dentro de um programa que envolva diversas instituições de ensino, pesquisa e extensão poderá ser um dos diferenciais para promover ganhos produtivos, econômicos, ambientais e sociais à ovinocultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Progresso técnico: a indústria é o caminho. Cadernos de Difusão de Tecnologia, Brasília, v.2., n.2, p. 233-245, 1985.

BORGES, I., SILVA, A.G.M., VIANA, R.O. Agronegócio da ovinocultura: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ZOOTECNIA - ZOOTECH, 4. Brasília,DF: UPIS - Faculdades Integradas. 2004. p.1-22.

BORGES, I.; QUINZEIRO NETO, T.; CARMO, M.P.; ALBUQUERQUE, F.H.M.A.R. Avaliação de sistemas na caprino e ovinocultura. IN: SIMPÓSIO DE

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

CAPRINOS E OVINOS, 1. 2005, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte- MG: EV- UFMG, 2005. CD-ROM.

CABRAL, J.E.O.; ALVES, F.S.F. Tecnologia de produção de ovinos no Ceará. IN: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 46. 2008, Rio Branco. *Anais...* Rio Branco-AC, 2008. CD-ROM.

COUTO FILHO, F.A.D. REUNIÃO TÉCNICA: apoio à cadeia produtiva da caprinovinocultura brasileira, 2001, Brasília. Relatório final. Brasília: CNPq, 2001, 55 p.

DAL MONTE, H.L.B. Gestão técnico-econômica da produção de leite de cabras nos Cariris Paraibanos. Areia: Universidade Federal da Paraíba, 2008. Tese de Doutorado, 194p.

ELLIS, F. Peasant Economics: farm Households and Agrarian Development, 2. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1996. 309p.

GALVÃO, P. F. M.; LIMA, D. M. Desenvolvimento sustentável da caprinovinocultura no cariri paraibano. In. ENCONTRO NACIONAL DE PRODUÇÃO DE CAPRINOS E OVINOS, 1, 2006, João Pessoa-PB, *Anais...* João Pessoa: EMEPA, 2006. (CD_ROM)

GUIMARÃES, V. P.; Facó, O; Bomfim, M.A.D.; Oliveira,E.L. Sistema de produção de leite de cabra no Semiárido Nordestino IN: Simpósio Internacional Sobre Caprinos e Ovinos de Corte, 4. 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa-PB, 2009. CD-ROM.

GUIMARÃES FILHO, C.; SOARES, J.G.G.; ARAÚJO, G.G.L. Sistemas de produção de carnes caprina e ovina no semi-árido nordestino. IN: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 1. *Anais...* João Pessoa, p.21-33, 2000.

HOLANDA JÚNIOR, E.V. Produção e comercialização de produtos caprinos e ovinos por agricultores familiares do Sertão Baiano do São Francisco. 2004.77 f. Tese (doutorado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária, Belo Horizonte, 2004.

HOLANDA JÚNIOR, E.V. Sistemas de produção de pequenos ruminantes no semi-árido do nordeste do Brasil. Sobral: Embrapa Caprinos, 2006. 53p.

KOSGEY, I.S.; BAKER, R.L.; UDO, H.M.J.; VAN ARENDONK, J.A.M. Successes and failures of small ruminant breeding programmes in the tropics: a review. *Small Ruminant Research*, v.61,n.1, p.13-28, 2006.

LÔBO, R.N.B. Melhoramento genético de caprinos e ovinos: desafios para o mercado. Sobral: Embrapa Caprinos, 2002. 36p.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

PINTO, C.W.C.; SOUZA, W.H.; FILHO, E.C.P.; CUNHA, M.G.G.; NETO, S.G. Desempenho de cordeiros santa Inês terminados com diferentes fontes de volumosos no confinamento. *Agropecuária Técnica*, v.26, n.2, p.123-128, 2005.

RIBEIRO, M.N.; GOMES FILHO, M.A.; BERMEJO, J.V.D. et al. Conservação e Raças Caprinas Nativas do Brasil: Histórico, Situação Atual e Perspectivas. Imprensa Universitaria, Recife: UFRPE, 2004. 62p.

REIS, F.A.; ÍTAVO, C.C.B.F. Uma abordagem sobre a criação de ovinos no Brasil Central. Disponível em: <http://www.farmpoint.com.br/> . Acesso em 05/10/2009.

SÁ, C.O., SÁ, J.L., MUNIZ, E.N., COSTA, C.X. Aspectos técnicos e econômicos da terminação de cordeiros a pasto e em confinamento. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 3. 2007, João Pessoa, PB. Anais... João Pessoa: Sincorte. 2007.

SILVA, A.S. Desempenho, comportamento ingestivo e características de carcaça de caprinos nativos em confinamento no semiárido brasileiro. 2009. 99f. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) - Centro de Ciências Agrárias. Universidade Federal da Paraíba, Areia, 2009.

SIMPLÍCIO, A.A.; SIMPLÍCIO, K.M.M.G. Caprinocultura e ovinocultura de corte: Desafios e oportunidades. *Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária*, n.39, p. 7-18, 2006.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

ANEXOS

<i>Característica</i>	<i>Média</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Referências ¹</i>
Peso ao nascimento (kg)				
Caprinos	2,64±0,54	1,67	3,60	21
Exóticos	3,22±0,17	3,04	3,60	8
Mestiços	2,48±0,17	2,26	2,68	6
Nativos	2,11±0,32	1,67	2,65	7
Ovinos	3,60±0,44	2,74	4,60	27
Deslanados	3,34±0,36	2,78	3,69	5
Lanados	3,70±0,45	2,74	4,60	19
Mestiços	3,40±0,32	3,14	3,76	3
Peso entre o nascimento e 30 dias (kg)				
Caprinos	4,92±0,79	4,02	5,81	6
Exóticos	5,74±0,09	5,68	5,81	2
Mestiços	4,51±0,61	4,02	5,40	4
Ovinos	9,64±4,17	6,73	14,42	3
Deslanados	7,77			1
Lanados	10,57±5,44	6,73	14,42	2
Peso entre 56 e 90 dias (kg)				
Caprinos	9,09±1,90	6,93	12,18	10
Exóticos	8,41			2
Mestiços	9,26±2,12	6,93	12,18	8
Ovinos	16,11±5,07	11,21	24,60	5
Deslanados	13,26±1,80	11,21	14,60	3
Lanados	20,40±5,94	16,20	24,60	2
Peso à desmama (kg)				
Caprinos	11,46±2,26	8,95	14,66	7
Exóticos	13,85±1,14	13,05	14,66	2
Mestiços	11,02±2,93	8,95	13,10	2
Nativos	10,16±1,38	9,30	11,75	3
Ovinos	17,37±2,52	13,44	22,09	22
Deslanados	14,10±0,94	13,44	14,77	2
Lanados	17,55±2,46	15,00	22,09	17
Mestiços	18,51±2,22	16,71	20,99	3

¹ Número de trabalhos consultados para a estimativa da média.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido
28 a 29 de Março de 2011

<i>Característica</i>	<i>Média</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Referências¹</i>
Peso entre 112 e 196 dias (kg)				
Caprinos	16,13±4,38	10,78	23,37	8
Exóticos	16,10±6,29	12,47	23,37	3
Mestiços	15,37±4,72	10,78	20,22	3
Nativos	17,30±2,47	15,55	19,05	2
Ovinos	22,42±9,48	16,09	39,12	5
Deslanados	17,49±1,47	16,09	19,03	3
Lanados	29,82±13,14	20,53	39,12	2
Peso entre 240 e 300 dias (kg)				
Caprinos	14,33±5,20	9,45	24,65	12
Exóticos	18,57±4,42	15,44	21,70	2
Mestiços	21,22±4,84	17,80	24,65	2
Nativos	11,54±2,97	9,45	18,77	8
Peso aos 365 dias (kg)				
Caprinos	19,42±7,75	11,44	33,24	12
Exóticos	25,39±11,09	17,55	33,24	2
Mestiços	26,08±5,36	22,29	29,87	2
Nativos	16,27±6,21	11,44	27,87	8
Ovinos	27,66±0,64	27,17	28,39	3
Deslanados	27,30±0,18	27,17	27,43	2
Lanados	28,39			1
Peso aos 22 meses (kg)				
Caprinos	34,23±6,85	27,30	41,00	3
Exóticos	41,00			1
Mestiços	34,40			1
Nativos	27,30			1
Peso ao abate, (kg)				
Ovinos lanados	24,16±4,18	16,07	33,00	22
Peso de carcaça (kg)				
Ovinos lanados	9,76±1,90	6,07	12,80	24
Rendimento de carcaça (%)				
Ovinos lanados	39,50±1,58	37,35	41,83	11

¹ Número de trabalhos consultados para a estimativa da média.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido
28 a 29 de Março de 2011

Característica	Média	Mínimo	Máximo	Referências¹
Fertilidade (%)				
Caprinos	80,86±3,34	76,30	85,30	5
<i>Exóticos</i>	79,30			1
<i>Mestiços</i>	76,30			1
<i>Nativos</i>	82,90±2,10	81,40	85,30	3
Ovinos	88,19±10,43	66,70	98,60	9
<i>Deslanados</i>	98,60			1
<i>Lanados</i>	81,43±12,25	66,70	92,80	4
<i>Mestiços</i>	92,35±4,46	85,90	95,80	4
Intervalo de partos (dias)				
Caprinos	314,31±34,91	289,63	339,00	2
<i>Mestiços</i>	339,00			1
<i>Nativos</i>	289,63			1
Ovinos	313,44±46,02	251,47	357,35	4
<i>Deslanados</i>	279,71±39,94	251,47	307,96	2
<i>Lanados</i>	347,17±14,39	337,00	357,35	2
Idade ao primeiro parto (dias)				
Caprinos <i>Mestiços</i>	607,18			1
Ovinos <i>Lanados</i>	588,58			1
Mortalidade Pós-Desmama (%)				
Caprinos	3,90±0,70	3	4,7	5
<i>Exóticos</i>	3,70			1
<i>Mestiços</i>	3,85±1,20	3	4,7	2
<i>Nativos</i>	4,05±0,64	3,60	4,5	2
Ovinos <i>Deslanados</i>	17,78±12,99	8,60	26,97	2
Mortalidade Pré-Desmama (%)				
Caprinos	13,64±8,59	7,10	27,70	7
<i>Exóticos</i>	8,50			1
<i>Mestiços</i>	8,55±2,05	7,10	10	2
<i>Nativos</i>	17,48±10,02	7,40	27,70	4
Ovinos	18,77±10,19	6,10	46,45	16
<i>Deslanados</i>	28,79±16,02	15,18	46,45	3
<i>Lanados</i>	17,32±7,85	6,10	28,30	11
<i>Mestiços</i>	11,73±2,31	10,10	13,37	2

¹ Número de trabalhos consultados para a estimativa da média.

Jornada da Produção Ecológica de Ruminantes no Semiárido 28 a 29 de Março de 2011

<i>Característica</i>	<i>Média</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>	<i>Referências</i> ¹
Número de serviços por concepção				
Ovinos	1,5 ± 0,35	1,26	2,11	5
<i>Deslanados</i>	1,26			1
<i>Mestiços</i>	1,61 ± 0,36	1,31	2,11	4
Período de gestação (dias)				
Caprinos	149,32 ± 2,89	145,61	154,90	9
<i>Exóticos</i>	149,73 ± 2,33	147,00	152,40	4
<i>Mestiços</i>	149,00			1
<i>Nativos</i>	149,00 ± 4,06	145,61	154,90	4
Ovinos	149,55 ± 0,84	148,20	150,50	8
<i>Deslanados</i>	149,80			1
<i>Lanados</i>	149,30 ± 0,83	148,50	150,15	3
<i>Mestiços</i>	149,67 ± 1,04	148,20	150,50	4
Produção total de leite (kg)				
Caprinos	547,00 ± 170,55	426,40	667,60	2
<i>Exóticos</i>	426,40			1
<i>Mestiços</i>	667,60			1
Produção diária de leite (kg)				
Caprinos Exóticos	1,75 ± 0,91	0,87	2,88	4
<i>Prolificidade</i>				
Caprinos	1,55 ± 0,19	1,29	1,78	8
<i>Exóticos</i>	1,47 ± 0,21	1,30	1,70	3
<i>Mestiços</i>	1,69 ± 0,09	1,59	1,78	3
<i>Nativos</i>	1,48 ± 0,27	1,29	1,68	2
Ovinos	1,27 ± 0,24	1,03	1,82	14
<i>Deslanados</i>	1,42 ± 0,25	1,15	1,82	7
<i>Lanados</i>	1,17 ± 0,18	1,03	1,37	3
<i>Mestiços</i>	1,09 ± 0,02	1,07	1,12	4

¹ Número de trabalhos consultados para a estimativa da média.